

## A MANIPULAÇÃO PSICOLÓGICA NOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA LEITURA DO FILME A GAROTA NO TREM

*Fabiana Mika<sup>1</sup>, Jéssica Kahuana Inglez de Lara<sup>2</sup>, Letícia Lupke Espin<sup>3</sup>, Mikaela Silveira Camargo<sup>4</sup>, Yara Luisa Pedro Padilha<sup>5</sup>, Fernanda Pimentel Santos<sup>6</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa/PR, Universidade UniCesumar - UNICESUMAR.  
fabianamika1212@gmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa/PR, Universidade UniCesumar - UNICESUMAR. je\_kahuana@hotmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa/PR, Universidade UniCesumar - UNICESUMAR.  
leticialupkeespin@gmail.com

<sup>4</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa/PR, Universidade UniCesumar - UNICESUMAR.  
mikascamargo@hotmail.com

<sup>5</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa/PR, Universidade UniCesumar - UNICESUMAR. yaralupadilha@gmail.com

<sup>6</sup>Orientadora, Mestre, Psicóloga. fpimentelsantos@gmail.com

### RESUMO

A violência doméstica é um tema demasiado presente na sociedade contemporânea, com grande exposição midiática, principalmente com relação ao feminicídio. A manipulação psicológica é um mecanismo de controle, frequentemente utilizado por agressores em relacionamentos abusivos. A pesquisa objetivou caracterizar o exercício da manipulação psicológica exercida pelos agressores nos relacionamentos abusivos. O presente trabalho trata-se de um estudo qualitativo, na modalidade estudo de caso, com caráter de pesquisa documental, no qual, utilizou-se como documentário o filme a garota no trem, a fim de explorar a temática dos relacionamentos abusivos. O filme explicita a manipulação psicológica do personagem Tom sobre as mulheres com quem se relacionou: Rachel, Megan e Anna. Por meio da análise do filme pode-se sugerir que a manipulação psicológica praticada pelos agressores, trata-se de mecanismos sutis, utilizados a fim de estabelecer relações de controle sobre suas vítimas. O filme permite expor a sintomatologia das mulheres que são submetidas a manipulação psicológica, demonstrando que o abuso emocional provoca vasta sintomatologia física e psicológica. Além disso, a leitura do documentário "A garota no trem", permite expor e debater os mecanismos utilizados pelos agressores no exercício da manipulação psicológica de suas vítimas. Compreende-se que a elucidação dos mecanismos de manipulação psicológica nos relacionamentos abusivos, assim como a explicitação e ilustração dos mesmos, podem contribuir para a prevenção da violência doméstica, assim como, favorecer o tratamento psicológico de vítimas, e de agressores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência psicológica; Violência indireta; Abuso psicológico.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher não é um fenômeno recente. Desde a antiguidade, sabe-se que as mulheres enfrentam violências de diferentes formas, tais como: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A desigualdade entre homens e mulheres são registradas há mais de 2.500 anos, conforme propagou o filósofo Aristóteles, propõe que entre os sexos, o macho é naturalmente superior e a fêmea inferior (ARISTÓTELES, 2005 apud FRANÇA, 2012, p. 451). Tais pensamentos, que inferiorizam a mulher, embora sejam tão antigos, ainda se fazem presente nos dias atuais, em diversos contextos (TRINDADE, 2016).

As Situações de agressão experimentadas por mulheres e homens são denominadas violência de gênero, pois tais situações se fundamentam em bases socialmente construídas nas relações entre ambos os sexos, a partir das diferenciações de poder que tais sujeitos detêm e exercem nas relações que estabelecem. Em porcentagem esmagadora a violência de gênero ocorre sob a forma de violência doméstica (COUTO & SCHRAIBER, 2011; SAFFIOTI & ALMEIDA, 1995).

Assim, vislumbra-se que o termo gênero denomina uma relação socialmente e historicamente construída, o qual classifica de acordo com o sexo biológico (masculino ou feminino) os papéis, comportamentos e funções que o indivíduo deverá desempenhar na sociedade. Desta forma, as relações entre homens e mulheres mostram-se assimétricas, formando hierarquias sociais, onde as mulheres são compreendidas em posição de submissão em relação aos homens (SANTOS, 2011).

Outrossim, a violência contra as mulheres, especialmente a violência praticada pelo parceiro íntimo e a violência sexual são um grande problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos (MADUREIRA *et al.*, 2014). A violência praticada contra a mulher, compreende atos praticados em ambientes públicos ou privados, em diferentes contextos, no entanto, apresenta prevalência no ambiente doméstico. É comum que o agressor e vítima estejam unidos por laços afetivos, o que acaba dificultando a percepção da vítima em relação a violência (MADUREIRA *et al.*, 2014).

Estimativas globais publicadas pela World Health Organization (Organização Mundial da Saúde, OMS), apontam que cerca de 1 a cada 3 mulheres (35%) em todo o mundo, já sofreram violência física e/ou sexual por parceiro íntimo ou violência sexual por não-parceiro durante a vida, sendo que a maior parte dessas violências (30%) são cometidas por parceiros íntimos. Globalmente, até 38% dos assassinatos contra mulheres foram cometidos por parceiro íntimo do sexo masculino (WHO, 2017).

O Brasil tem enfrentando diversas dificuldades com relação a violência, doméstica no âmbito familiar. A violência contra a mulher reproduz a cultura patriarcal que se estendeu em nosso país, se reproduziu através dos séculos e ainda se perpetua até os dias de hoje (MADUREIRA *et al.*, 2014). A violência doméstica é uma das facetas do padrão machista, que caracteriza relações de gênero predominantes em todo o país. Trata-se de um fenômeno conhecido, mas sobre o qual pouco se fala. O silêncio acerca da violência conjugal, contribuiu para que este tipo de violência se reproduza indefinidamente (VENTURINI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004).

Uma pesquisa da fundação Perceu Abramo, em 2004, revelou que cerca de uma em cada cinco brasileiras (19%) afirmaram espontaneamente ter sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem, sendo que 16% relatam casos de violência física, 2% citaram violência psíquica e 1% relataram assédio sexual. No entanto, quando estimuladas pela enumeração de diferentes formas de agressão, o índice de violência sexista ultrapassou o dobro, apontando um índice de agressão de 43%. Esse aumento no índice de violência sofrida, sugere o desconhecimento destas mulheres acerca das diferentes formas de violência presente nos relacionamentos abusivos. Outrossim, o estudo apontou que cerca de um terço das mulheres admitiu ter sido vítima de violência doméstica, em algum momento da vida (VENTURINI; RECAMÁN; OLIVEIRA, 2004).

Em 2010, a fundação Perceu Abramo, com parceria com o Sesc, realizou uma nova pesquisa com o intuito de atualizar os dados, entrevistando 2.365 mulheres e 1.181 homens. Os dados revelaram que 40% das mulheres declararam já ter sofrido algum tipo de violência. Número considerado bastante elevado. A pesquisa revelou ainda que das mulheres agredidas cerca de 70% a 90% não denunciaram a agressão, apesar de 84% deste público ter conhecimento acerca da lei Maria da Penha (RIBEIRO, 2016; VENTURINI & GODINHO, 2013).

Diante desta problemática, é importante ressaltar que todos os brasileiros, homens e mulheres, estão submersos em um contexto que tem como pano de fundo uma sociedade culturalmente machista e patriarcal. Neste âmbito, compreende-se que o agressor também provém desta construção social, e se sustenta por através dela. Entretanto, correlacionar o cenário sociocultural à violência de gênero, não exclui a responsabilidade individual dos agressores em relação à violência perpetrada, tanto na esfera pública como no contexto familiar/conjugal (LÔBO; LÔBO, 2015).

Há algumas décadas atrás, era comum mulheres acreditarem que padecer pela violência imputada pelo seu cônjuge e/ou companheiro era normal, de forma que se criou um pensamento coletivo no qual tratamentos violentos e abusivos para com mulheres em relacionamentos são normais e aceitáveis. A mídia também contribuiu negativamente nestas questões, pois, em novelas series e afins, há uma superexposição romantizada

acerca de relacionamentos problemáticos e abusivos, que favorece uma espécie de naturalização de tais abusos (SOUZA; CASSAB, 2010).

Além disso, os agressores que praticam violência doméstica, possuem uma tendência a minimização do ato de violência, baixos índices de tolerância em relação a discussões de ordem íntima e a culpabilização das vítimas pelos seus comportamentos abusivos. Desta forma, cabe salientar que os relacionamentos abusivos são permeados por relações conflituosas, que caracterizam comportamentos de manipulação dos agressores em relação às vítimas (CORTEZ *et al.*, 2005). A manipulação psicológica é caracterizada por um tipo de violência dissimulada, que envolve a emissão de comportamentos velados, com o propósito de influenciar a vítima a fazer, pensar ou sentir algo que serve ao propósito do manipulador (THALMANN, 2014).

O ciclo de violência doméstica inicia-se de forma lenta e silenciosa, e progride em intensidade e consequências. A violência é encoberta em um primeiro momento, caracterizada por comportamentos de manipulação e controle. A violência psicológica antecede a violência física, de modo que forma um continuum de condutas abusivas, criando um ambiente de medo (SILVA *et al.*, 2007).

A violência psicológica caracteriza-se por comportamentos como: controle das ações da parceira, intimidação, manipulação, ameaças, insultos, chantagens, humilhações, perseguição e críticas constantes (FONSECA & LUCAS, 2006; MACHADO & DEZANOSKI, 2014; MILLER, 1999). Neste contexto, a vítima tem a sua autoestima severamente abalada. A vulnerabilidade da vítima, acaba por favorecer os ataques de violência física. De forma a criar um ciclo de violência caracterizado como um processo regular de quatro fases identificáveis: “tensão relacional, violência aberta, arrependimento e lua-de-mel” (SOUZA E CASSAB, 2010).

No ciclo da agressão na violência doméstica, é comum que as vítimas não compreendam que estão envolvidas em uma relação abusiva, pois encontram-se em um meio social tão violento, que acabam por naturalizar tal condição. Além disso, muitos dos gestos de agressão são tão sutis e ocorrem tão repetidamente, que podem confundir a vítima, ou promover um processo de habituação (FONSECA & LUCAS, 2006; MILLER, 1999; SOUZA & CASSAB, 2010). Outrossim, a normalidade relacionada a esse tipo de violência corrobora com o conceito de habituação, no qual um mesmo estímulo, quando apresentado diversas vezes, em curtos intervalos de tempo, com a mesma intensidade, resulta em um decréscimo na magnitude da resposta (MOREIRA; MEDEIROS, 2019).

Além disso, atos frequentes de hostilidade e agressividade, podem influenciar na motivação, auto-imagem, senso de identidade, capacidade de reação e autoestima feminina, sendo comum que progrida para importantes prejuízos a sua saúde mental e física (FONSECA & LUCAS, 2006; MACHADO & DEZANOSKI, 2014; MILLER, 1999). Deste modo, as vítimas de violência doméstica podem apresentar vasta sintomatologia física e psicológicas, tais como como insônia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e até aparecimento de transtornos psicológicos como depressão, ansiedade, síndrome do pânico, estresse pós-traumático, podendo ainda favorecer comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas, ou mesmo tentativas de suicídio (FONSECA; LUCAS, 2006; SILVA *et al.*, 2007).

A violência psicológica, que não envolve agressão física, é mais difícil de ser visualizada, por isso em muitos casos poderá permanecer encoberta. Esse tipo de violência se manifesta de forma contínua e sutil. O filme “A meia luz”, ou “*Gaslighting*”, de 1944, foi o primeiro filme a abordar explicitamente a manipulação psicológica que ocorre em relacionamentos abusivos. Esse filme mostrou uma relação, no qual, o parceiro tentava corroer as bases lógicas da realidade de sua parceira, através de jogos mentais que a confundiam, fazendo a duvidar de seu próprio discernimento. Neste filme a percepção da parceira foi desqualificada pelo seu conjugue e atribuída a sua imaginação. O filme

apresenta um contexto em que o sofrimento da mulher foi erroneamente rotulado, caindo sobre ela estereótipos de loucura (GASS & NICHOLS, 1988).

Enfatiza-se que a utilização de imagens, fotografias, filmes ou similares em pesquisas, podem contribuir com a análise crítica social de tais temas, mostrando-se como uma alternativa lúdica para apreensão e discussão de determinados assuntos. Os recursos ilustrativos favorecem o leitor, constituindo-se como uma fonte de referência visual para o mesmo (ELALI, 1997). Além disso, os filmes além de serem fontes de prazer estético e de divertimento podem contribuir como fontes de registros históricos e de grande alcance de público. O cinema pode ser utilizado como um documento válido e representativo para algumas épocas ou para temas socialmente relevantes (FERREIRA, 2009).

A manipulação psicológica que permeia os relacionamentos abusivos, é um tema relevante que deve ser amplamente discutido, explicitado e divulgado. Tendo em vista a dificuldade das vítimas em enxergar-se em situação de violência, sua vulnerabilidade, e sobretudo, a gravidade dos danos psicológicos causados pelas relações abusivas. Outrossim, o presente estudo teve por objetivo analisar e explicitar as características da manipulação psicológica, que permeiam relacionamentos abusivos, e a sintomatologia das vítimas de tais relações, utilizando-se da análise, leitura do documentário (filme) intitulado “A garota no trem”, a fim de favorecer a contextualização da temática.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa exploratória, qualitativa, na modalidade de pesquisa documental. Saliencia-se que as pesquisas exploratórias objetivam proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito ou possibilitar a construção de hipóteses. A pesquisa documental assemelha-se a pesquisa bibliográfica, no entanto ambas se diferenciam com relação a natureza das fontes. A pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não recebem tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Esta modalidade de pesquisa apresenta algumas vantagens, visto que os documentos constituem fonte rica e estável de dados, os quais subsistem ao longo do tempo (GIL, 2002).

Destaca-se que a pesquisa qualitativa presa questões da realidade, que não podem ser quantificadas ou mensuradas. A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental íntima entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza, buscando sugerir as motivações e intenções dos atores, a partir dos quais ações, estruturas e relações se tornam significativas (MINAYO, 1993). A matéria prima característica da pesquisa qualitativa, é composta por um conjunto de substantivos, cujos sentidos se complementam: a experiência, a vivência, o senso comum e ação. A análise de dados se baseia em compreender os fenômenos pesquisados, interpretar os dados encontrados e contextualiza-los com a realidade (MINAYO, 2010).

A pesquisa foi sistematizada na forma de narrativa contextualizada, na sequência temporal dos fatos apresentados no documentário. O documentário “A garota no trem” foi categorizado em cenas. Foram escolhidas dez cenas, nas quais os diálogos dos personagens foram transcritos no quadro 1. A escolha das cenas se deu pelo seu conteúdo, os quais possibilitaram uma correlação das falas dos personagens, com o contexto de violência doméstica, bem como, com o exercício da manipulação exercida pelos agressores nos relacionamentos abusivos, e, a sintomatologia apresentada pelas vítimas (A GAROTA NO TREM, 2016).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documentário apresenta a personagem Rachel, ex-esposa de Tom, como alcoolista, a mesma encontra-se desempregada. Todos os dias viaja de trem para New York, sem um propósito específico. A personagem é apresentada como uma mulher aparentemente amargurada pela separação, com uma obsessão pelo passado. Rachel demonstra uma fixação especial em observar avida de um casal, a qual faz idealizações do amor ideal e de uma vida feliz (conforme cena 1, quadro 1). O casal mora na mesma rua onde Rachel residiu com seu ex-marido Tom. Ao mesmo tempo que Rachel observa o casal idealizado (Megan e Scott), observa também a vida atual do seu ex-marido, com a nova esposa e filha (Tom, Anna e Evie).

A personagem Rachel relata não ser a pessoa que era antes de relacionar-se com Tom, de tal forma que as pessoas percebem isso em seu rosto (cena 2 – quadro 1). Diante do que Rachel expõe e conforme o a trama se desenrola, é possível supor que Rachel demonstra sintomas que poderiam caracterizar um quadro de despersonalização e desrealização. A despersonalização é caracterizada por um sentimento de perda ou de transformação do eu.

**Quadro 1:** Cenas do documentário “A garota no trem”.

Cena	Contexto	Personagens	Conteúdo
1	Rachel encontra-se no trem, observando a vida das pessoas, durante o trajeto.	Rachel	<i>-Duas vezes por dia eu me sento no terceiro vagão do trem, onde eu tenho uma visão perfeita da minha casa favorita, o número 15, da Beckett. Eu não sei quando exatamente, eu acho que comecei a reparar nela há mais ou menos 1 ano e aos poucos com o passar dos meses ela (Megan) se tornou importante pra mim.</i>
2	Rachel apresenta sintomas de despersonalização.	Rachel	<i>-Eu não sou mais a garota que eu era, acho que as pessoas veem isso no meu rosto. Ela é o que eu perdi, ela é tudo o que eu queria ser.</i>
3	Rachel vê Megan, com outro homem.	Rachel	<i>-Será que ela consegue ver esse trem. Quem é aquele homem? O que que ela está fazendo ela está pondo tudo a perder.</i>
4	Rachel, visivelmente alcoolizada, conversa com uma amiga, explica como descobriu a traição do seu ex-marido Tom com Anna.	Rachel	<i>-Quando aconteceu comigo eu achei um monte de e-mails. O Tom a dizia que nunca tinha se sentido assim, ele falou que em pouco tempo os dois estariam juntos. Eu sei que não é certo olhar o e-mail do marido, eu fui burra, mas quando eu vi que era da imobiliária eu achei que fosse só spam e aí eu percebi que era um beijo e não “x”, e meu marido estava transando com a corretora de imóveis.</i>
5	Rachel ao falar com uma amiga, tem um diálogo consigo mesma, e recorda da traição que ela sofreu, associando-a a traição que afirma ter visto.		<i>Nunca consegui descrever como eu me senti depois de ler aquele e-mail. Mas hoje de manhã, quando eu vi aquela mulher beijando outro homem, traindo o marido dela, eu senti tanto ódio. Foi como se alguma coisa fosse tirada de mim, de novo, e, se eu pudesse, eu iria até a casa dela, encontraria ela sentada na cozinha, iria agarrar aquele cabelo loiro comprido e ia puxar até ela cair da cadeira e ia esmagar a cabeça dela no chão.</i>
6	Megan, depois de falar com Scott, reconhece o homem que acredita ter visto na varanda supostamente beijando Megan, trata-se de Kamal o psiquiatra. Rachel o procura, para saber mais sobre ele e para tentar recuperar memórias perdidas, acaba relatando seus sintomas de alcoolismo.	Kamal Rachel Kamal Rachel	<i>- Os apagões, você disse que tem apagões, quer falar um pouco sobre isso? -Quando eu acordo e as pessoas me dizem o que eu fiz, que fui eu, mas não parecem nenhuma coisa que eu faria. Eu me arrependo, mas é uma coisa tão distante de mim que eu não consigo me sentir tão arrependida. -Você quer assumir a responsabilidade pelo que fez, mas acha duro assumir a responsabilidade por uma coisa que nem se lembra? Além disso, além de você beber, porque está claro que você bebe por exemplo hoje você bebeu? Exatamente quando começou a beber de forma mais intensa? -Começou com o Tom. meu ex-marido. Quando eu não consegui engravidar, eu queria muito ter um bebê e nós</i>

			<i>tentamos de tudo e nada funcionou. Isso simplesmente acabou comigo e eu fiquei muito triste e aí a bebida acabou com a gente.</i>
7	Rachel, recobra a memória. Lembra-se de que Tom a agredia quando ela estava alcoolizada e acabava por culpabilizá-la.	Rachel	<i>-Tudo aquilo que você disse que eu fiz, aquelas coisas horríveis, eu não fiz nada daquilo. Você ficou lá me vendo sofrer, me fez sentir uma inútil e me fez pensar que era tudo culpa minha. Eu encontrei a Marta no trem e ela me disse que você foi demitido porque transou com todo mundo naquele escritório (Tom agride Rachel).</i>
8	Tom recorda do encontro com Megan. Do dia em que a assassinou.	Megan Tom Megan Tom Megan	<i>-Eu tô grávida, achei que você deveria saber, porque existe uma chance de ele ser seu! -Então aborte, ou se for do Scott faça o que você quiser, mas se não for, livre-se dele. -Então por que você me levou lá (empurra Tom)? Eu entrei no seu jogo só para você me comer entre uma fraude e outra? Eu cuidei da sua filha para ficar perto de você. -Eu não quero outro filho, muito menos com você. -Você transava com a Anna porque não podia mais transar com a Rachel, depois transava comigo porque não podia transar com a Anna, sem nós três você é só um homem impotente e ridículo (Tom joga Megan no chão e a pisoteia).</i>
9	Tom humilha Rachel e tenta manipula-la, a fim de confundir-la. Rachel não cede, então Tom tenta matá-la.	Tom Rachel Tom Rachel Tom	<i>-Você é como um cão, como aqueles cães maltratados que ninguém quer e mesmo chutados, eles acabam voltando para você, pensando que se forem bonzinhos, você irá amá-los. Você não vai fazer isso de novo, você sempre faz isso, mas você não vai fazer isso de novo. -Foi você quem causou isso Rachel, se você tivesse ficado longe naquela noite, tivesse nos deixado em paz, você causou isso para a Megan, de certa forma você a matou. -Mas eu não matei, você a matou (Rachel foge)! -Você fez isso comigo no nosso casamento, você me deixou maluco, completamente maluco! Você faz ideia o que é estar casado com uma pessoa sem vida (Tom exclama ao esganar Rachel).</i>
10	Rachel inicia o empoderamento feminino.	Rachel	<i>-Hoje eu me sinto em um vagão diferente, sinto que tudo é possível, porque eu não sou mais a garota que eu era.</i>

Fonte: A garota no trem, 2016.

Esse fenômeno trata-se de uma vivência profunda de estranhamento e infamiliaridade consigo mesmo, marcada por muita angústia e sensação de perda de controle. É comum que a despersonalização esteja acompanhada da desrealização, a qual caracteriza-se pela perda da relação de familiaridade com o mundo comum (DALGALARRONDO, 2019). Sugere-se que a desrealização aparente da personagem é evidenciada pela falta de conectividade que ela tem com a vida, como por exemplo pelo fato de realizar diariamente, há mais de um ano, viagens sem uma razão aparente.

A obsessão de Rachel por observar a vida de pessoas desconhecidas pode ser entendida com mecanismos de defesa do eu, tais como a introjeção, identificação e a projeção. De acordo com Freud (2006), a identificação com o objeto de admiração ou inveja, permite ao eu desfrutar conjuntamente com o outro a realização de desejos inconscientes. A introjeção está intimamente relacionada a identificação, é um mecanismo, no qual o ego, visando resolver dificuldades emocionais, toma para si características de outras pessoas (SILVA, 2010). A projeção possibilita atribuir um desejo a um objeto externo, impedindo que características próprias sejam percebidas pelo eu (FREUD, 2006; SILVA, 2010).

As síndromes obsessivas caracterizam-se por ideias, pensamentos, fantasias ou imagens persistentes, as quais surgem involuntariamente e de forma recorrente na consciência. O indivíduo reconhece o caráter irracional e absurdo desses pensamentos, podendo tentar neutralizá-los com outros pensamentos ou com atos e rituais específicos.

O desenvolvimento da dependência de substâncias, também é considerado um tipo de processo obsessivo, ao qual o indivíduo dedica seu tempo e sua energia em localiza-la, adquiri-la e consumi-la, levando-o a negligenciar aspectos da vida presente (DALGALARRONDO, 2019)

Em um certo dia, em uma de suas viagens no trem, Rachel vê Megan em sua varanda, com um homem desconhecido (diferente do seu marido). A cena não deixa clara se ocorre um beijo entre ambos, pois a mesma é encoberta pela paisagem do trem em movimento (cena 3, quadro 1). Ao se deparar com essa suposta relação extraconjugal da garota idealizada, Rachel afirma que a garota estaria colocando tudo a perder. Demonstrando claramente estar tão aficionada pela vida de Megan, a tal ponto de confundir as lembranças de seu passado com a vida de outra pessoa. A cena de suposta traição de Megan, evoca em Rachel lembranças do momento em que a mesma descobriu a traição de seu ex-marido Tom, com a personagem Anna.

Skinner (1978), aponta que a associação de palavras e eventos é um efeito do condicionamento extensivo de operantes intraverbais, demonstrada pelo encadeamento de respostas geradas na “associação livre”. Outrossim, segundo este entendimento a associação livre das palavras e pensamentos, não são tão livres, pois dependem da evocação ocasionada por estímulos condicionados semelhantes a ele. Este processo faz com que determinados estímulos ao serem observados, disparem memórias relacionadas a ele. Ou seja, não por acaso, Rachel ao ver uma cena que demonstra a possibilidade de traição, lembra-se da traição de seu ex-marido (cenas 3 e 4, quadro 1).

Desta forma, é possível que ao imaginar a traição de Megan, Rachel projete em Megan, a raiva que sentiu pela traição de seu ex-marido (FREUD, 2006; SILVA, 2010; SKINNER, 1978). A suposta traição evoca na personagem uma espécie de fúria ou desejo de vingança (cena 5, quadro 1). Rachel desce do trem, próximo à rua Beckett, vê Megan e a ofende e corre atrás dela. No dia seguinte acorda suja, cheia de sangue e com hematomas no corpo, sem recordar-se do que ocorreu.

Rachel, confusa, procura um grupo de alcoólicos anônimos, apresenta-se apreensiva, pois a personagem tem lapsos de memória frequentes, e não se lembra do que ocorreu no dia anterior. Relata não se lembra do que fez na noite anterior e que em sua memória aparecem somente fragmentos de lembranças desconexas. Em razão do fato de ter declarado que iria “esmagar a cabeça de Megan” (cena 5, quadro 1), Rachel desconfia que pode ter cometido um crime de assassinato. E passa a ser investigada como suspeita do crime. A personagem decide então, investigar o crime, onde tem contato com Scott o marido de Megan, e, com Kamal, o psiquiatra de Megan. Rachel acaba falando com o psiquiatra Kamal sobre os seus sintomas de alcoolismo e de lapsos de memória (cena 6, quadro 1).

Outrossim, compreende-se que os conceitos de dissociação indicam uma incapacidade de integrar processos mentais, no entanto, não demandam necessariamente mudanças qualitativas do estado de consciência. Alguns casos de dissociação implicam na separação de sistemas mentais, que deveriam estar integrados na consciência, memória, ou identidade do indivíduo. A dissociação é considerada um mecanismo de defesa, com a função de controlar informações capazes de provocar ansiedade ou sofrimento (NEGRO JUNIOR; PALLADINO-NEGRO; LOUZÃ, 1999). Nosso aparelho psíquico não tolera o desprazer, esquiva-se do mesmo a todo custo, mesmo que para isso sacrifique a verdade (FREUD, 1939). Os mecanismos de defesa, podem ser compreendidos como fuga ou esquiva de eventos aversivos, no ambiente privado do indivíduo, sendo a função destes comportamentos afastar o indivíduo de eventos aversivos condicionados, como por exemplo a lembrança de um trauma (MOREIRA; MEDEIROS, 2019).

Contudo, no decorrer da trama, Rachel começará a lembrar de eventos que ocorreram em seu casamento. Lembra-se de diversos momentos de agressão física e

verbal aos quais foi vítima de seu ex-marido (cena 7, quadro 1). Recorda-se da inversão de contextos relatadas por ele, o qual aproveitando-se de dos lapsos de memória dela, de sua fragilidade e dependência alcoólica, a responsabilizava por coisas que ele fazia. Rachel compreende que Tom tenta confundi-la e manipula-la. Outrossim a sintomatologia de Rachel, que é caracterizada por um quadro grave de alcoolismo, despersonalização, desrealização, confusão mental, obsessão, perda de memória e dissociação (DALGALARRONDO, 2019; FREUD, 1990; FONSECA & LUCAS, 2006; NEGRO JUNIOR, PALLADINO-NEGRO, LOUZÃ, 1999; SILVA *et al.*, 2007) é finalmente relacionada ao contexto, anteriormente ocultado no filme, o comportamento abusivo e manipulador de seu ex-marido Tom.

Todavia, o filme apresenta o relacionamento abusivo em uma perspectiva inversa. Mostrando primeiramente a sintomatologia da personagem Rachel, não fazendo qualquer alusão às causas de sua desorganização mental e emocional. Somente com o passar das cenas, é possível perceber que a personagem passou por uma longa exposição a um relacionamento abusivo, sendo possível então, sugerir uma relação de conexão entre esses dois eventos.

Cabe salientar que a sintomatologia de Rachel, quando isolada do contexto de agressão, foi descrita no filme como uma espécie de loucura, ou seja, foi atribuída a algum tipo de distúrbio psicológico de causa desconhecida. A explicação de distúrbios no comportamento, comumente são atribuídas a causas internas ou psíquicas. Os estados interiores existem, e estão sendo explicitados e discutidos no presente estudo, no entanto, não podem ser considerados como causa dos comportamentos. Pois, se considerarmos o comportamento como uma variável dependente, é preciso identificar as variáveis independentes às quais o comportamento é função, estas são externas ao organismo, ou seja, provém das relações do organismo com o ambiente (SKINNER, 2003).

Outrossim, a mudança de perspectiva na narração dos fatos, suscita uma interessante crítica social. Os relacionamentos abusivos muitas vezes ocorrem no silêncio dos lares, e devido a cultura patriarcal, por vezes são naturalizados, de tal forma que a sutileza das agressões, as fazem passar despercebidas pelos demais e pelas próprias vítimas, que se habitam ao tratamento violento. Existe uma condição histórica de submissão da mulher ao homem, entranhada nas concepções do masculino e feminino, que faz com que os abusos psicológicos sejam desconsiderados (FONSECA & LUCAS, 2006; MILLER, 1999; MOREIRA & MEDEIROS, 2019; SILVA *et al.*, 2007; SOUZA & CASSAB, 2010).

No final da trama Rachel, procura Tom, dizendo lembrar-se de tê-lo visto com Megan e sugere que ele a tenha matado. Tom ao perceber o perigo da responsabilização pelo crime de assassinato, recorre novamente a agressão e manipulação psicológica, conforme as atitudes de Tom corroboram com os achados da literatura, que apontam que agressores possuem a tendência a minimizar os atos de violência, e possuem baixos índices de tolerância em relação a discussões de ordem íntima, assim como culpabilizam as vítimas pelo seu comportamento (cena 7, quadro 1) (CORTEZ *et al.*, 2005).

Desta forma, ao ser confrontado por Rachel, Tom a agride verbal e fisicamente até que ela desmaie. Entretanto, diante da acusação, ele recorda-se, do seu último encontro com Megan. A personagem Megan, relata à Tom que está grávida, e que haveria alguma chance de Tom ser o pai, porém Tom, sem demonstrar qualquer afeto, sugere que se o filho for dele, ela deve abortar. Megan sentindo-se menosprezada, faz cobranças acerca de seu investimento no relacionamento com Tom, aos cuidados que dispensou ao seu filho, para poder ficar perto dele, e recusa-se a abortar. Fazendo cobranças a ele. Tom, mostrando baixa tolerância a frustrações, empurra-a, pisoteia e finaliza o assassinato de Megan com pedradas (cena 8, quadro 1).

Após as lembranças de Tom, o filme retoma a cena com Rachel. Após a agressão, Rachel acorda. Tom a humilha, a compara com um cão chutado e maltratado, inferiorizando-a a fim de exercer novamente controle sobre ela e a culpabiliza pela morte de Megan (cena 9, quadro 1). A culpabilização é um dos mecanismos de manipulação mais eficazes. Tem por intuito responsabilizar outra pessoa pelos atos do agressor, a fim de obter um ganho, pois é comum que ao sentir culpa, a pessoa manipulada deseje reparar o dano (MILLER, 1999; THALMANN, 2014).

Rachel consegue resistir as acusações de Tom, não se submete a tentativa de manipulação e tenta a fugir, no entanto, diante desta nova postura, Tom a agride novamente e tenta matá-la. A agressão é uma forma desonesta de expressar sentimentos e pensamentos, a fim de defender a si e aos seus direitos, sem levar em conta o direito dos outros (CONTE & BRANDÃO, 2007; MILLER, 1999).

Outrossim, o repertório agressivo e manipulador de Tom, só é revelado no final da trama, sua conduta mantém-se encoberta, na maior parte do documentário. Tom utiliza-se de manipulação psicológica na tratativa com as três mulheres com quem se relacionou. Desta forma, seu padrão de comportamento coaduna com as características de agressões diretas e indiretas (CONTE E BRANDÃO, 2007; THALMANN, 2014).

Contudo, embora o comportamento agressivo, possa trazer recompensas imediatas, há alta probabilidade de consequências negativas a médio ou a longo prazo, porque, os indivíduos que utilizam tais repertórios, são mais temidos do que respeitados, prejudicando a qualidade de suas relações (CONTE; BRANDÃO 2007).

No entanto, é importante salientar, que na vida real, diferente da ficção a elucidação das agressões nos relacionamentos abusivos, nem sempre tem êxito, conforme debatido, nossa sociedade ainda carrega grandes estigmas sociais de desvalorização da mulher, que podem acarretar em justificativas para violência doméstica, ou sua naturalização. Outrossim, os efeitos deletérios de tais relações, por vezes ainda são minimizados (MILLER, 1999).

Com relação a personagem Rachel, enfatiza-se que a mesma saiu de uma conduta passiva, para confrontar o ex-marido, diante de seu discurso manipulativo. Sua última frase no filme (cena 10, quadro 1), pode simbolizar o início de um empoderamento feminino (CORTEZ; SOUZA, 2008):

#### **4 CONCLUSÃO**

O presente estudo promove uma contextualização acerca da problemática violência doméstica, que remete a necessidade de mudanças nos paradigmas sociais a respeito do tema, tendo em vista que, o reconhecimento dos direitos da mulher passa por um processo histórico, que avança lentamente de forma heterogênea entre diversos países. O caminho para maior igualdade de gênero em nossa sociedade requer mudanças e sugere questionar e redefinir estruturas e padrões vigentes.

A violência contra a mulher é um fenômeno multicausal, de extrema gravidade, conforme aponta a literatura, uma a cada três mulheres no mundo já foi vítima de violência física ou psicológica, no âmbito doméstico. Tal é a importância do tema que existe uma mobilização mundial para entender melhor este fenômeno, descobrir e implementar formas mais eficazes de combatê-lo.

Os relacionamentos abusivos, são caracterizados por interações assimétricas, nas quais os agressores utilizam-se de comportamento agressivos diretos ou indiretos a fim de controlar suas vítimas. A agressão indireta ou velada é a manipulação psicológica em si. No âmbito dos relacionamentos abusivos, evidencia-se que a manipulação psicológica, se mostra como um mecanismo comumente utilizado pelos agressores, porém devido às suas

características encobertas, são de difícil identificação e dificultam a percepção da vítima acerca da agressão sofrida.

Considerando que os filmes são veículos midiáticos de grande alcance, conclui-se que a presente pesquisa documental, em relação ao filme “A garota no trem”, permite contextualizar o tema, bem como ilustrar e explicitar o exercício da manipulação psicológica exercidos pelos agressores, no contexto dos relacionamentos abusivos, além de evidenciar a sintomatologia das vítimas de violência doméstica.

Evidenciou-se também, que as vítimas de relacionamentos abusivos, podem passar por processos de habituação em relação as agressões. A habituação pode dificultar, comportamentos assertivos, como a solicitação de mudança de atitude do parceiro, ou a saída de tais relacionamentos.

A manipulação psicológica, desumaniza e objetifica o outro, na medida em que este é tolhido na sua possibilidade de escolha, entretanto, conforme foi discutido, mostra-se benéfica aos agressores a curto e médio prazo. Salienta-se, portanto, que, a elucidação de tais mecanismos, através da explicitação dos mesmos, pode contribuir para a prevenção da violência doméstica, assim como, favorecer o tratamento psicológico de vítimas, e de agressores.

## REFERÊNCIAS

A GAROTA no Trem. Produção de Marc Platt e Celia D. Costas. Nova York: **Dream Works Pictures**, 2016. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QOvYYgPvjl>. Acesso em: 12 jun. 2019.

CONTE, F. C. S.; BRANDÃO, M. Z. S. **Falo? Ou não falo**: expressando sentimentos e comunicando ideias. 2. ed. Londrina: Macenas, 2007.

CORTEZ, B. *et al.* Terapia de grupo cognitivo-comportamental com agressores conjugais. **Estudos de Psicologia**, Campinas. v. 22, n. 1, p. 13-21, jan-mar. 2005.

CORTEZ, M. B., SOUZA, L. de. Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24 n. 2, p. 171-180, 2008.

COUTO, M. T.; SCHRAIBER, L. B. Representações da violência de gênero para homens e perspectivas para a prevenção e promoção da saúde. *In*: GOMES, R. (org.) **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011. p. 175-199.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ELALI, G. Psicologia e Arquitetura: em busca do *locus* interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, Natal. v. 2, n. 2, p. 349-362, 1997.

FERREIRA, L. S. O cinema como fonte da história: elementos para discussão. **Métis: história & cultura**, v. 8, n. 15, p. 185-200, 2009.

FONSECA, P.; LUCAS, T. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**, 2006. TCC (Graduação em Psicologia) - Fundação Bahiana Para O Desenvolvimento Das Ciências, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006.

FRANÇA, M. C. V. Montaigne e a natureza humana no feminino. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 53, n. 126, p. 449-461, 2012.

FREUD, S.; MEURER, J. L. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Imago, 1990.

FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo**: esboço de psicanálise e outros trabalhos. Imago, 1939. v. 33.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 124 p.

GASS, G. Z.; NICHOLS, W. C. *Gaslighting*: A marital syndrome. **Contemporary Family Therapy**, v.10, n.1, p. 3-16, 1988.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LÔBO, G. A.; LÔBO, J. T. Gênero, machismo e violência conjugal: um estudo acerca do perfil societário e cultural dos agressores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. **Revista Direito & Dialogicidade**, v. 6, n. 1, p. 45-56, 2015.

MACHADO, I. V.; DEZANOSKI, M. Exploração do conceito de violência psicológica na Lei 11.340/06. **Revista Gênero e Direito**, v. 3, n. 1, p. 98-113, 2014.

MADUREIRA, A. B.; *et al.* Perfil de homens autores de violência contra mulheres detidos em flagrante: contribuições para o enfrentamento. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. v.18, n.4, p. 600-606, 2014.

MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. 2. ed. Sumos: São Paulo, 1999.

MINAYO, M. C. S. Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. **Salud Colectiva**, v. 6, p. 251-261, 2010.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, 1993.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

NEGRO JUNIOR, P. J.; PALLADINO-NEGRO, P.; LOUZÃ, M. R. Dissociação e transtornos dissociativos: modelos teóricos. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 21, n. 4, p. 239-248, 1999.

RIBEIRO, D. B. Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. **Perspectivas em Políticas Públicas**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 195-200, 2016.

SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero**: poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 218 p.

- SANTOS, I. A. Violência de Gênero e Políticas Públicas: os avanços sociais no atendimento das vítimas de violência doméstica em Cuiabá. **Anais eletrônicos da V Jornada Internacional de Políticas Públicas**, São Luiz, v. 23, p. 1-9, 2011.
- SILVA, E. B.T. Mecanismos de defesa do ego. Psicologia. **PT: O Portal dos psicólogos**. Minas Gerais, v. 7, n. 1, p. 1-5, 2010.
- SILVA, L. *et al.* Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**. v.11, n.21, p.93-103, jan/abr. 2007.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SKINNER, B. F. **Comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- SOUZA, H., CASSAB, L. Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro. In: GT 5. Gênero e Violência, Londrina, **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: UEL, 2010. p. 38-46.
- THALMANN, A. **Como se defender dos manipuladores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- TRINDADE, V. E. B. Lei Maria da Penha: violência doméstica e familiar contra a mulher no âmbito da polícia. In: XII seminário nacional de Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, **Mostra Nacional de Trabalhos Científicos**. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016.
- VENTURINI, G.; GODINHO, T. (orgs.). Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública, Fundação Perseu Abramo, **Edições Sesc**, São Paulo, 2013.
- VENTURINI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (orgs.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc, 2004.
- World Health Organization -WHO. Violence against women, Women and Health, Department of Gender, Geneva [on line]. 2017. Disponível em: <http://https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>. Acesso em: 30 jan. 2021.